

# CIÊNCIA E EMANCIPAÇÃO:

diálogos sobre acesso aberto e ecossistemas editoriais



**Gilson Pôrto Jr.**

**Victor Amar**

**José Lauro Martins**

**Sinomar Soares de Carvalho Silva**

  
**Observatório**  
Edições

**Audiodescrição:**

A capa tem fundo predominantemente preto, com iluminação suave que destaca o elemento central. Na parte superior, em letras brancas e maiúsculas, está o título: "CIÊNCIA E EMANCIPAÇÃO." A letra E aparece em amarelo, destacando-se do restante do texto. Logo abaixo, em letras menores e brancas, lê-se o subtítulo: "diálogos sobre acesso aberto e ecossistemas editoriais." O elemento visual principal é uma mão humana envelhecida, de pele enrugada e unhas marcadas, que segura o planeta Terra em miniatura. O globo tem coloração marrom e dourada, e sobre ele está sobreposto um cadeado dourado aberto, simbolizando acesso livre ao conhecimento. A posição do globo mostra os continentes da América e da África, com destaque para a América do Sul voltada ao centro da imagem. No canto inferior esquerdo, aparecem os nomes dos autores, em letras brancas: Gilson Pôrto Jr., Victor Amar, José Lauro Martins, Sinomar Soares de Carvalho Silva. No canto inferior direito, estão dois logotipos: o da Observatório Edições, composto por um símbolo em verde e amarelo com o nome em azul escuro. A composição geral transmite uma sensação de força, resistência e libertação do conhecimento, evocando o ideal de ciência aberta e emancipadora, em contraste com o fundo escuro que sugere os desafios e barreiras ainda existentes no acesso ao saber. Fim da audiodescrição.

Gilson Pôrto Jr.  
Victor Amar  
José Lauro Martins  
Sinomar Soares Carvalho Silva

# CIÊNCIA E EMANCIPAÇÃO: diálogos sobre acesso aberto e ecossistemas editoriais

Observatório Edições  
2025

**Diagramação/Projeto Gráfico:** Gilson Porto Jr.  
**Arte de capa:** Adriano Alves.  
**Publicado em:** Outubro/2025.

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Considerando as legislações nacionais e internacionais de ética em pesquisa, de propriedade intelectual e de uso de imagens, os autores de cada trabalho são plenamente responsáveis por todo seu conteúdo (inclusive pelos textos, figuras e fotos nele publicadas), isentando os organizadores de qualquer responsabilidade em todas as possíveis situações.



Todos os livros publicados pelo Selo Observatório/OPAJE estão sob os direitos da Creative Commons 4.0  
[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C569

CIÊNCIA E EMANCIPAÇÃO: diálogos sobre acesso aberto e ecossistemas editoriais. [recurso eletrônico]. / Gilson Pôrto Jr., Victor Amar, José Lauro Martins, Sinomar Soares Carvalho Silva. – Palmas, TO: Observatório Edições, 2025.

63 p.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-989351-4-6

1. Acesso aberto. 2. Comunicação científica. 3. Publicações científicas. 4. Ciência aberta. 5. Divulgação científica. I. Pôrto Jr., Gilson. II. Amar, Victor. III. Martins, José Lauro. IV. Carvalho Filho, Sinomar Soares.

CDD 070.579  
CDU 070.43  
LCC Z286.O63

---

Marcelo Diniz – Bibliotecário – CRB 2/1533. Resolução CFB 184/2017.

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Observatório Edições e/ou do OPAJE/UFT. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Todos os artigos passaram por avaliação dos pares.

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

**REITORA**  
Profa. Dra. Maria Santana  
Ferreira dos Santos

**VICE-REITOR**  
Prof. Dr. Marcelo Leinerker  
Costa

**Pró-Reitor de Graduação**  
Profa. Dra. Valdirene de Jesus

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**  
Profa. Dra. Flávia Tonani

**Pró-Reitor de Extensão e Cultura**  
Profa. M. Bruno Barreto

### **Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT)**

Dra. Eliane Marques dos Santos  
Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior  
Dr. Fernando Rodrigues Peixoto Quaresma  
Dr. José Lauro Martins  
Dr. Nelson Russo de Moraes  
Dr. Rodrigo Barbosa e Silva  
Dra. Marli Terezinha Vieira

### **SELO EDITORIAL Observatório/OPAJE CONSELHO EDITORIAL**

**PRESIDENTE**  
Prof. Dr. José Lauro Martins

#### **Membros:**

**Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes**  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP),  
Brasil

**Prof. Dr. Rodrigo Barbosa e Silva**  
Universidade do Tocantins (UNITINS), Brasil

**Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista**  
Universidade de Caxias do Sul; Universidade Federal do  
Amazonas, Brasil

**Profa. Dra. Thais de Mendonça Jorge**  
Universidade de Brasília (UnB), Brasil

**Prof. Dr. Fagno da Silva Soares**  
Clio & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesquisa em História  
Oral e Memória – Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Brasil

**Prof. Dr. Luiz Francisco Munaro**  
Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil

**Prof. Dr. José Manuel Pelóez**  
Universidade do Minho, Portugal

**Prof. Dr. Geraldo da Silva Gomes**  
Universidade Estadual do Tocantins, Brasil

## Como Referenciar ABNT NBR 6023/2018

### Documento no todo

PÔRTO JR., Gilson; AMAR, Victor; MARTINS, José Lauro; CARVALHO SILVA, Sinomar Soares. CIÊNCIA E EMANCIPAÇÃO: diálogos sobre acesso aberto e ecossistemas editoriais. Palmas, TO: Observatório Edições, 2025. 63 p. ISBN 978-65-989351-4-6.

### Nos Capítulos

SOBRENOME, Nome; SOBRENOME, Nome. Título do capítulo. *In*: PÔRTO JR., Gilson; AMAR, Victor; MARTINS, José Lauro; CARVALHO SILVA, Sinomar Soares. CIÊNCIA E EMANCIPAÇÃO: diálogos sobre acesso aberto e ecossistemas editoriais. Palmas, TO: Observatório Edições, 2025, p. xx-xx.

## SUMÁRIO

### **PREFÁCIO**

#### **A QUEM PERTENCE O NOSSO CONHECIMENTO? / 9**

Francisco Gilson Rebouças Porto Junior, Victor Amar, José Lauro Martins, Sinomar Soares Carvalho Silva

#### **CIÊNCIA, ACESSO ABERTO E ECOSSISTEMA EDITORIAL: diálogos / 13**

Francisco Gilson Rebouças Porto Junior, Victor Amar, José Lauro Martins, Sinomar Soares Carvalho Silva

#### **ÍNDICE REMISSIVO / 57**

#### **SOBRE OS AUTORES / 61**





### A QUEM PERTENCE O NOSSO CONHECIMENTO?

Esta obra não é apenas uma transcrição; é o registro de um diálogo essencial ocorrido em uma live no canal do Opaje no Youtube em outubro de 2025, para o Brasil, Espanha e além. O texto que o leitor tem em mãos materializa a contribuição do Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Ensino e ao Jornalismo (Opaje) para a Semana Internacional do Acesso Aberto de 2025, um movimento global que, anualmente, convoca a sociedade a refletir sobre as barreiras impostas à ciência.

O Opaje, um Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão criado na UFT em 2013, tem dedicado mais de uma década à produção de conhecimento de alto impacto, com foco nas realidades amazônica e tocantinense. É com base nessa trajetória de compromisso com a pesquisa pública e acessível que o Observatório se alinha, de forma inegociável, à filosofia do *Open Access*.

O tema central da Semana em 2025 – "A quem pertence o nosso conhecimento?" – serviu como o provocador intelectual deste debate. A questão, aparentemente simples, desdobra-se em complexas camadas éticas, políticas e econômicas, expondo a tensão inerente entre o conhecimento como um bem público global e sua apropriação por grandes conglomerados editoriais, cujo principal motor é o lucro, e não a disseminação.

Para guiar esta conversa fundamental, o Opaje reuniu uma banca de pesquisadores de excelência, com visões e experiências complementares, garantindo uma abordagem multifacetada do tema.

Tivemos a honra de contar com o Prof. Dr. Víctor Amar, da Universidade de Cádiz, que nos trouxe a perspectiva da Europa e do contexto do Sul da Espanha, confrontando a utopia do acesso aberto com o "turbocapitalismo" editorial.

O Prof. Dr. Gilson Porto, fundador do Opaje e um dos fundadores da *Revista Observatório*, contextualizou o movimento do acesso aberto em sua fundação normativa (Declarações de Budapeste, Bethesda e Berlim) e defendeu a ciência aberta (*Open Science*) como um instrumento de inclusão e justiça cognitiva, essencial para o Sul Global.

Por fim, o Prof. Dr. Lauro Martins, também do Opaje-UFT e coeditor, trouxe a reflexão filosófica e a experiência de campo na gestão de periódicos de acesso livre, reiterando que o conhecimento, em sua essência, é universal e sem autoria única, defendendo o princípio ético de que o que é produzido pela humanidade deve retornar à humanidade.

O debate foi conduzido pelo Dr. Sinomar Soares, que traduziu as questões conceituais para a realidade prática dos alunos de Pós-Graduação, o público mais diretamente impactado pelas políticas de publicação.

Esta obra é, portanto, um convite à reflexão aprofundada. O leitor perceberá que o debate vai muito além da simples distinção entre revistas pagas e gratuitas. Os pesquisadores exploram, com honestidade e perspicácia, as armadilhas dos chamados periódicos

predatórios, que se aproveitam da necessidade de publicação dos autores, e a "economia das citações," onde a visibilidade e o impacto bibliométrico muitas vezes dependem de redes de confiança (a "cosa nostra" acadêmica, no termo provocativo do Prof. Victor) em detrimento da qualidade intrínseca da pesquisa.

Um dos pontos mais sensíveis e urgentes abordados – e que merece especial atenção de quem inicia a vida acadêmica – é a sustentabilidade do modelo. Como manter a alta qualidade editorial, a revisão por pares rigorosa e o aparato tecnológico (como o OJS) funcionando, sem sucumbir à cobrança de Taxas de Processamento de Artigo (APCs), que, ironicamente, reproduzem a desigualdade que o Acesso Aberto busca combater?

A resposta, como demonstrado ao longo do texto, repousa no compromisso do pesquisador-autor em também se tornar um pesquisador-avaliador, na manutenção de ecossistemas editoriais não comerciais como o Opaje, e no financiamento público de estruturas de suporte.

A dicotomia entre Acesso Aberto (a disponibilização imediata e livre do produto final da pesquisa) e Ciência Aberta (o regime que engloba também dados abertos, *software* livre e engajamento público) é esclarecida, fornecendo a base conceitual necessária para que o futuro pesquisador possa navegar por esse cenário em constante evolução.

Ao disponibilizar o conteúdo integral desta *live* como um livro de acesso aberto, o Opaje não apenas cumpre sua missão institucional, mas também reafirma a sua crença inabalável de que a luta pela democratização do conhecimento é uma premissa básica da universidade pública.

Esperamos que este registro inspire e mobilize a próxima geração de cientistas – muitos dos quais acompanharam o debate em tempo real – a não apenas consumir o conhecimento livremente, mas a se engajar ativamente na construção e defesa de um modelo de ciência que seja transparente, colaborativo e verdadeiramente voltado para o benefício da humanidade.

Que a leitura deste volume sirva como um lembrete perene de que o conhecimento, quando compartilhado, não se divide; ele se multiplica, transformando-se no maior motor de progresso e justiça social.

Palmas, Tocantins, primavera de 2025.

Os autores

# CIÊNCIA, ACESSO ABERTO E ECOSSISTEMA

## EDITORIAL: diálogos

---

Francisco Gilson Rebouças Porto Junior  
Victor Amar  
José Lauro Martins  
Sinomar Soares Carvalho Silva

O texto a seguir é resultado das discussões da Semana Internacional do Acesso Aberto 2025 intitulada “Quem é o dono do nosso conhecimento?” que ocorreu de 20 a 26 de outubro. O tema de 2025 levanta uma questão crucial sobre o momento atual e como, em tempos de disrupção, as comunidades acadêmicas podem exercer controle sobre o conhecimento que produzem.

O diálogo entre os professores ocorreu no dia 24.10.2025, seguindo a ordem:

Mediação

Dr. Sinomar Soares Carvalho Silva

Apresentadores:

Dr. Victor Amar (Universidade de Cádiz-Espanha)

Dr. José Lauro Martins (Opaje-UFT)

Dr. Gilson Porto Jr (Opaje-UFT)

Notas de revisão foram acrescentadas para auxiliar a compreensão de quem não transita usualmente pelo mundo do acesso aberto e do ecossistema editorial.

**Sinomar Soares:** Boa tarde a todos. Nós somos do Opaje, o Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Ensino e ao Jornalismo<sup>1</sup>. Nós estamos há mais de dez anos produzindo pesquisa na Amazônia brasileira sobre jornalismo, sobre ensino, e essa mesa é uma contribuição do Opaje para a Semana Internacional do Acesso Aberto.

Essa semana acontece todos os anos e esse ano ela debate o seguinte tema, a quem pertence o nosso conhecimento. Essa semana acontece para sensibilizar a sociedade e a comunidade em geral sobre a importância do acesso aberto, sobre a importância de promovermos o acesso livre ao conhecimento que se tem produzido nas universidades, nos institutos. Então, esse tema busca debater sobre como as comunidades acadêmicas podem ter o controle sobre o que elas produzem. Perguntas como quem controla o que a gente produz?, quem se beneficia com a partilha do que a gente produz?, tudo isso está sendo debatido ao longo de vários eventos globalmente essa semana.

E, para ajudar a gente a debater esse tema, nós convidamos três pesquisadores, o professor Gilson Porto, do Opaje, UFT, o professor Vítor Amar, da Universidade de Cádiz, e o professor Lauro Martins que também é da Universidade Federal do Tocantins. Eu vou passar a palavra para o professor Vítor, em seguida para o professor Gilson e o professor Lauro. E se você tiver alguma pergunta, você já vai, durante as falas, colocando no chat, que a gente vai responder ao final da live. Professor Vítor, é com você.

---

<sup>1</sup> O Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Ensino e ao Jornalismo é um núcleo de ensino, pesquisa e extensão criado na Universidade Federal do Tocantins (UFT) em 2013.

**Victor Amar:** Tá, obrigado, viu? Boa tarde, pessoal. Só o seguinte, me desculpo por meu sotaque, né, que de repente é meio esquisito, né, mas não consigo tirar o sotaque do sul da Espanha. Bom, meu nome é Vitor Amar e vou começar agradecendo, porque para mim é uma honra estar aqui com vocês, com o professor Gilson, um grande amigo, e também com a Universidade Federal de Tocantins. Aí que eu estou feliz estou matando saudade de estar ali com vocês se tomara e aqui estou no sul da Espanha mostro aqui um plano, uma fotografia no sul da Espanha da Europa e muito perto do norte da África É a minha região. Para que você conheça onde a gente está falando. Aqui já está meio da noite. E vocês estão quase duas e meia. Aí já pensou. Cinco horas de diferença. Bom. Agradeço muito. o convite e vou tentar centrar minha fala, colocar minha fala sobre uma questão que é um projeto internacional. Pode passar, professor Gilson? Isso. Este projeto internacional, trouxe vários exemplos, né? que está a nível internacional mesmo, viu? Está na Europa, está na América Latina, está nos países anglo-saxões, né? Eu trouxe aqui exemplos da Semana Internacional de Acesso Aberto, que é da Universidade Autônoma de Barcelona, uma universidade muito importante dentro da do ranking internacional da Espanha e da Europa. Também trouxe um exemplo dos países anglo-saxões, trouxe o exemplo brasileiro e também trouxe o exemplo espanhol. Aqui na Espanha, nós temos uma questão cultural, política interessantíssima, muita diversidade. Então, dentro do Estado espanhol, temos diferentes línguas oficiais. Por isso, nós falamos de espanhol e falamos também de catalão. Temos o basco, o catalão, o galego, o valenciano, muitas línguas, né? Cinco ou seis línguas coabitam dentro do espaço espanhol, tá?

Então, só vou mostrar para vocês o projeto internacional, né? E também dar resposta à pergunta, né? Que bem colocou o professor, entendeu? Quem é dono do nosso conhecimento? Bom, eu tenho medo com isso, né? Porque eu Conhecimento, para mim, é o

seguinte. Uma parte importante dos dados, da informação que está por aí, a gente pega, metaboliza e faz conhecimento. Quando você faz conhecimento, “partinha”, você vira sábio. Será que as pessoas estão me entendendo? Muito rápido? Meu sotaque é esquisito? Mas eu acho que mais ou menos estou colocando na questão para falar, para ter uma discussão, para, de repente, problematizar um pouco sobre esta questão que é o alvo da Semana Internacional.

Eu gostaria de colocar o foco sobre o acesso aberto. Para mim, eu coloquei uma pequena definição e eu tentei colocar para me compreender e para dar a compreender a vocês o que eu entendo por acesso aberto. É um **modelo de distribuição do conhecimento**<sup>2</sup>. Aquela questão que já falei anteriormente, que como esse dado eu faço o meu, eu faço o meu, integro dentro de mim, de minha personalidade, sou capaz de fazer um reequilíbrio, e daí vira conhecimento. Então, esse conhecimento, esse modelo de distribuição de conhecimento tem que ser favorecido dentro do **acesso imediato, livre e sem restrições**, dentro dos diferentes recursos digitais. Deveria estar livre de cargas econômicas e técnicas para que todo mundo possa ler, copiar, utilizar dentro do âmbito internacional. Cuidando a integridade da obra e, sobretudo, o respeito à **autoria**.

Para mim, é uma questão de transformação do conhecimento. Anteriormente, poderia estar em lugares muito concretos, a igreja, a universidade, mas agora está extenso, está aberto. Inclusive, tem pessoas que já falam de um conhecimento social. Anteriormente, a gente lutava muito por um conhecimento pesquisado. Agora, a gente tem um conhecimento pesquisado e também um

---

<sup>2</sup> Aqui nos referimos a um conjunto de processos e estratégias que uma organização usa para garantir que a informação e o conhecimento sejam compartilhados, transferidos e aplicados de forma eficaz entre seus membros.



conhecimento social. Entre muitas pessoas, de diferentes lugares. Aqui em Cádiz, você está ali em Tocantins, de repente, outra pessoa no Rio, outra pessoa no Madrid, em muitos lugares. Com muitas pessoas. Aqui tem uma banca com quatro pessoas, mas você também poderia ter outros colegas dentro do contexto brasileiro, do contexto espanhol. E aí a gente pode misturar esse conhecimento, pode contrapor esse conhecimento. A importância que tem é garantir o mais amplo possível o intercâmbio desse conhecimento científico e que seja o mais amplo dentro do contexto da intenção do acesso possível para o benefício das pessoas. Para mim, isso é o acesso aberto. É um pretexto dentro de um contexto. Desculpa, eu estou falando e você... Ah, agora, agora. Desculpa disso.

Bom... Para eu falar, um pretexto que procurei foi falar da revista. Nós aqui na Universidade de Cádiz, concretamente no meu grupo de pesquisa, temos duas revistas. Uma que está indexada, que se chama **HTTP**<sup>3</sup>, e outra que é de âmbito local, que não está indexada, não tem nada a ver com a CAPES. É uma questão meio lúdica, mas vem a cobrir um espaço que na cidade não tinha, que era o espaço da história local. Então, vou falar de qualquer revista, que eu acho que deve ter três momentos. Um antes, outro durante e outro depois.

Antes, para mim é importante, dentro desse convencimento de como eu fazer que meu conhecimento seja extenso, conhecimento da revista, precisa de um bom desenho. Não somente do nome da revista, Não somente que tenha uma boa mantenedora, mas também tenha um bom desenho. Deve ser uma revista sedutora. No sentido que seduzir, para mim, é aproximar. Uma revista que tenha essa possibilidade de conexão, de conexão visual. E deve ter também uma boa equipe. Uma equipe editorial com um bom... ele irá gerar né o diretor né e também deve ter também bons editores adjuntos

---

<sup>3</sup> Hachetetepé. Revista científica de Educación y Comunicación (<http://https://revistas.uca.es/index.php/hachetetepé>).

tanto nacionais como internacionais embora também faz falta um bom conselho científico nacional e internacional ou para mim para mim isso seria tudo na um pouco de quimera, uma quimera quase impossível, porque no fundo a gente está falando de corresponsabilidade.

É uma responsabilidade que temos que assumir a obrigação de responder. E para isso eu tenho que me reunir de pessoas de confiança, de minha gente do grupo de pesquisa, de meus colegas do departamento e de pessoas que eu tenha uma grande amizade, que possam me responder.

O foco é importante. Para onde eu quero exercer a influência? E também sem esquecer o escopo, o objetivo, o alvo. Inclusive, eu diria o seguinte, tudo se complica um pouco, porque faz falta uma equipe de revisão ortográfica, de tradução, um monte de coisas. Então, o antes da revista tem corpo, você tem, eu acho que, pesadelos. para construir esse desenho que seja sedutor, que seja persuasivo e que de fato seja algo interessante. Quando você já tem a revista no durante, a revista, para mim, tem que ser aberta. Faz falta ter um **preprint**<sup>4</sup> que seja contínuo. cuidar que seja um sistema de OJS, **Open Journal System**<sup>5</sup>, que não é outra coisa que um software livre, para administrar a revista. E aí faz falta um pequeno equipo também, quase invisível. responsáveis de submissão, pessoas que se podem responder, inclusive que tenham a possibilidade de se comunicar em outras línguas, porque podem escrever em inglês, em francês, em espanhol, em português. E aí foi falta também uma questão

---

<sup>4</sup> Preprint é uma versão preliminar de um artigo científico que passa a ser disponibilizada online antes de passar pela revisão por pares e publicação em um periódico. Exemplos de repositórios especializados em preprints como o arXiv, ChemRxiv e BioRxiv. No Brasil, o Scielo iniciou também o seu banco de preprints.

<sup>5</sup> Software gratuito e de código aberto para gerenciar e publicar periódicos acadêmicos online. Foi desenvolvido pelo Public Knowledge Project (PKP).

interessantíssima. quase brigada, o detector de Inteligência Artificial (IA) ou de plágio online. Nós, dentro da Universidade de Cádiz, temos o **Turnitin**<sup>6</sup>. Eu não sei qual você tem ali, não sei. Mas eu acho que a própria mantenedora, nesse caso, a própria universidade, tem conveniado, tem pago esse sistema de antiplágio.

Bom, uma vez que você tem antes, tem durante e tem depois, faz falta desenvolver muito bem o depois. A revista tem que ficar indexada, é uma palavra que acompanha todo esse processo. Você tem que cuidar do fator de impacto, da qualidade, das bases de dados, das plataformas de avaliação, dos diretórios, das bibliotecas, dos repositórios. dos carimbos, e eu trouxe aqui três também, pelo menos três. No Estado Espanhol, nós temos lá **FECYT**<sup>7</sup>, que é do Governo Espanhol, do Ministério de Ciência, Inovação e Universidade. Outro carimbo de âmbito internacional é **Scopus**<sup>8</sup>, como vocês sabem, né? Eu acho que é holandês, acho que é holandês, né? E depois você tem no contexto português, tem a **CAPES**<sup>9</sup>, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Acho que são as questões que você tem que cuidar o antes, durante e depois. E aí acabo. O último diapositivo é colocar um grande obrigado para vocês. Obrigado pela escuta. E aí eu fico com vontade de ficar falando e escutando os seus colegas. Tá bom? Obrigado, viu? Obrigado, professor Vitor.

---

<sup>6</sup> Software de verificação de originalidade e prevenção de plágio que compara trabalhos acadêmicos com um banco de dados de conteúdos da internet, publicações e trabalhos de alunos.

<sup>7</sup> Fundação Espanhola para a Ciência e Tecnologia.

<sup>8</sup> Banco de dados bibliográfico multidisciplinar que contém resumos e citações de publicações científicas revisadas por pares, como artigos de periódicos, livros e anais de congressos. Ele oferece ferramentas de análise e métricas para rastrear e visualizar a pesquisa. Acesso em: <https://www.elsevier.com/pt-br/products/scopus>.

<sup>9</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, uma agência do Ministério da Educação (MEC) brasileira que fomenta a pós-graduação, pesquisa científica e a formação de professores.

**Sinomar Soares:** Eu vou passar agora a palavra para o professor Gilson, que também vai falar sobre o acesso aberto.

**Gilson Porto:** Obrigado, Vitor. Boa tarde, Lauro. Boa tarde, Sinomar. Boa tarde a vocês que estão aí conectados conosco, agora em tempo real, tanto aqui pelo canal do Opaje no YouTube<sup>10</sup>, quanto na página do Opaje, lá no nosso Facebook, né? Então, é a primeira vez que a gente está fazendo a transmissão para dois ambientes diferentes, são públicos também diferentes. E se você tiver alguma pergunta, fique à vontade. O que você postar no Facebook ou no YouTube... vai aparecer para nós aqui e nós vamos poder interagir com você também.

Esse evento acontece anualmente, é uma semana internacional<sup>11</sup> em que se elegeu para se pensar durante o mês de outubro, efetivamente, o movimento do acesso aberto. Como o Vitor bem lembrou, é um movimento relativamente novo, nós estamos falando de uma ciência que não tem proprietário, mas é uma ciência que pertence à humanidade como um todo, aquilo que é nosso como um todo.

E aí, é claro, que essa é uma discussão que surgiu há bem pouco tempo. Nós vamos situar isso lá no finalzinho do século XX, por volta dos anos 1990, nós vamos ter o movimento do acesso aberto, que tentou derrubar os modelos tradicionais de publicação científica, que é um modelo baseado, efetivamente, em alguém que publica numa revista que é mantida por valores pagos e que, portanto, também cobra para o acesso. Então, historicamente, a gente teve

---

<sup>10</sup> Canal do Opaje: <https://www.youtube.com/@opaje-nucleodeensinopesqui4338>.

<sup>11</sup> Canal do evento pelo mundo: <https://www.openaccessweek.org/>.

esse modelo, que era um modelo fechado, um modelo em que, se você quisesse ter acesso à ciência, você tinha que pagar por ela. E, obviamente, esse é o modelo econômico.

Como modelo econômico, ele está concentrado nas mãos de grandes editoras comerciais, que efetivamente podem até falar sobre o acesso aberto e ter revistas suas com acesso aberto, mas o grande mote dessas empresas, desses grandes conglomerados, é o lucro, a lucratividade e, portanto, é a **comercialização**<sup>12</sup>. Então, a preocupação da maioria desses **conglomerados**<sup>13</sup> não é com a disseminação do conhecimento, mas é com o **negócio**<sup>14</sup>, o modelo de negócio que gera extremas desigualdades no campo da produção científica.

Então, no momento em que nós temos a Semana do Acesso Aberto, temos a oportunidade de dialogar justamente sobre essas questões, sobre esse outro paradigma que o Open Access, o acesso aberto, traz para nós como a possibilidade de democratizar o conhecimento e, é claro, articular elementos como ciência aberta, como ética científica e a própria inclusão das pessoas no campo da produção da ciência.

E aí você deve estar dizendo, bem, eu conheço pouco, talvez você esteja chegando agora aqui, não esteja entendendo bem o que está acontecendo. Nós estamos conversando sobre a Semana do Acesso

---

<sup>12</sup> Uma recente reflexão foi feita por Ronaldo Pilli, no Jornal da Unicamp intitulado **O mercado editorial de revistas científicas**. Disponível em: <https://jornal.unicamp.br/artigo/2025/02/24/o-mercado-editorial-de-revistas-cientificas/>.

<sup>13</sup> Frontiers, Wiley, Springer Nature, Taylor & Francis, Elsevier, SAGE, MDPI, para citar algumas das mais impactantes.

<sup>14</sup> Para uma leitura do tema, sugerimos LAMDAN, S. **Data Cartels: The Companies That Control and Monopolize Our Information**. Stanford, California: Stanford University Press, 2022.

Aberto. É uma semana que tem elementos fundantes, teóricos e normativos já consolidados. Então, nós tivemos em dois mil e dois a Declaração de Budapeste (2002)<sup>15</sup>, que reforçou a importância da disponibilização livre e imediata do conhecimento, depois a Declaração de Bethesda (2003)<sup>16</sup> e também a Declaração de Berlim (2003)<sup>17</sup>. Esses três elementos fundantes do movimento do acesso aberto, eles reforçam justamente a necessidade do conhecimento ser livre, ser imediato e ser irrestrito.

E para nós que trabalhamos com a produção do conhecimento científico, nós defendemos isso como uma necessidade premente. Com o uso da internet e com a amplificação do espaço de divulgação da informação, a internet se tornou uma nova arena, um novo palco de disputas. E é claro que o conhecimento científico também veio para dentro desse espaço. A reprodução, a disseminação e, é claro, as barreiras que tudo isso gera também vieram para essa discussão. Daí porque falar sobre acesso aberto é falar então da ciência como um bem público global. Não é minha, não é de Sinomar, não é de Lauro, não é de Vitor, ele é de todos que produzem e se beneficiam da ciência mundial.

Então, quando falamos sobre remover as barreiras de acesso, o acesso livre, o open access, é de fato um elemento essencial, é como algo comum e necessariamente comum. imponente no tempo em que nós vivemos. Nós estamos num momento em que falar sobre acesso aberto muitas vezes é evocar uma ciência de segunda linha. Pelo menos esse é o discurso da maioria dos conglomerados

---

<sup>15</sup> BOAI – **Budapest Open Access Initiative**. 2002. Disponível em: <http://www.budapestopenaccessinitiative.org/>.

<sup>16</sup> **Bethesda Declaração sobre a publicação de acesso aberto**. 2003. Disponível em: <https://miradas.csic.edu.uy/node/8>.

<sup>17</sup> **Berlin declaration on open access to knowledge in the science and humanities**. Open Access MaxPlanck-Gesellschaft, 2003. Disponível em: <https://openaccess.mpg.de/Berlin-Declaration>.

econômicos. Vitor começou falando de empresas. Nós temos grandes conglomerados no mundo que aglutinam em dezenas de revistas, algumas chegam a aglutinar praticamente o grosso da produção intelectual das principais universidades, mas efetivamente esse grosso do conhecimento não é aberto às pessoas. Ela não tem impacto direto. A maioria dessa circulação, desse conhecimento científico produzido como bem público, ele se torna propriedade desses grandes conglomerados. E é claro que isso causa diversos problemas para o crescimento científico.

Então, estar nessa semana, na Semana Internacional do Acesso Aberto, e discutir nessas questões, é para nós um elemento basilar. Daí porque o Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino, o Opaje, aqui da Universidade Federal do Tocantins, desde dois mil e dezessete, vem efetivamente participando anualmente da Semana do Acesso Aberto, porque nós acreditamos naquilo que nós estamos falando aqui, nós acreditamos no acesso aberto, mantemos uma revista, daqui a pouco o Lauro vai falar um pouco sobre a **Revista Observatório**<sup>18</sup>, que é o nosso carro-chefe, ela existe desde 2015, então nós estamos entrando aí para o décimo primeiro ano editorial da Revista Observatório, nós mantemos também uma editora virtual, a **Observatório Edições**<sup>19</sup>, são os nossos dois grandes “carros-chefes” aí do conhecimento aberto, nós

---

<sup>18</sup> A Revista Observatório é uma publicação em conjunto entre o **Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino** (OPAJE) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus Palmas, e o **Grupo de Pesquisa em Democracia e Gestão Social/ GEDGS** da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Acesso em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/index>.

<sup>19</sup> **Observatório Edições** é a editora virtual do OPAJE criada em 2023 como projeto de extensão na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Tocantins. O projeto recebeu o Selo ODS Brasil 2024 na categoria Educação como reconhecimento da iniciativa. Acesso em: <https://www.observatorioedicoes.com.br/>.

acreditamos efetivamente que é essencial, é um elemento epistemológico científico essencial da liberdade e acesso às pessoas.

O que a comunidade científica **ganha com o acesso aberto**? Às vezes as pessoas perguntam, mas alguém ganha alguma coisa. O grande conglomerado científico, como uma economia, ela está pensando no capital, ela está pensando em comprar um conhecimento e vender um conhecimento. E o que as outras que não estão nesse modelo de negócio, que entendem e praticam acesso aberto, ganham? Bem, pelo menos três coisas. Nós podemos dizer que se beneficiam aqueles que propagam o acesso aberto. Primeiro é a **visibilidade e o impacto das pesquisas**. Então, aqueles que divulgam, publicam em acesso aberto, conseguem serem vistos e citados em suas pesquisas por uma quantidade bem maior do que aqueles que estão isolados ou presos dentro de um modelo fechado de negócio.

Segundo impacto importante, se **favorece a interdisciplinaridade**, se permite que pesquisadores de diferentes campos acessem essas informações abertas e dialoguem. Por exemplo, a Revista Observatório já atingiu o patamar de mais de mil e trezentos artigos publicados nesses onze anos de existência. Nós estamos falando de mil e trezentos artigos publicados em acesso livre, que já tiveram milhares de citações, milhares de visualizações e que, efetivamente, compõem um escopo de conhecimento e que é dialogado por diversas outras áreas. Então, para nós, isso é uma conquista muito grande como grupo de trabalho e como um grupo de pesquisa também.

Terceiro elemento importante que o acesso aberto favorece, é importante a gente destacar isso, ele **fortalece o controle social da ciência**<sup>20</sup>. Ele permite que você, que está nos ouvindo agora em

---

<sup>20</sup> Entendemos que o tema aborda uma série de ações, que podem ir, mas não se esgotam, desde a promoção da divulgação científica e a educação



tempo real, ou então você que vai assistir esse vídeo depois (ou ler posteriormente as notas publicadas), se pergunte se aquilo que está sendo produzido na universidade, nos centros de pesquisa, nos grupos de trabalho, é real. Se o dinheiro que é investido, por exemplo, aqui no Brasil, que a universidade pública é mantido por recursos públicos, se isso que é mantido devolve alguma coisa em termos práticos para a sociedade.

Então, no momento em que eu fortaleço essa percepção de que qualquer pessoa pode controlar a ciência, pode formular questões, pode... detectar desvios, inclusive pedir as modificações, é uma vantagem muito grande, é um ganho muito grande do ponto de vista do controle social. Assim, essa é uma das imensas vantagens. É claro que, do ponto de vista daquilo que a ciência mais gosta de valorizar no campo das citações, há estudos que falam de aumentos de acesso aberto entre dezoito e quarenta e sete por cento a mais de citações. Então, do ponto de vista de uma certa **economia das citações**<sup>21</sup>, vamos dizer assim, aqueles que publicam em acesso aberto são mais visíveis e são mais citados também. Eles praticam um outro modelo de uma ciência que é permitida, que é valorizada e que as pessoas podem dialogar.

No campo de uma dimensão mais política, mais ética, nós podemos dizer que acontece aqui também. O acesso aberto, como que se

---

em ciências, o estímulo a participação popular na elaboração de políticas, o incentivo a ciência cidadã e a colaboração entre pesquisadores e movimentos sociais até garantir a transparência e a prestação de contas, dentre outras.

<sup>21</sup> Nos referimos aqui ao impacto bibliométrico gerado em prol dos pesquisadores. Essa forma de gestar o conhecimento científico é usada para quantificar o impacto de um acadêmico, o que pode ter implicações para sua carreira, promoção e reconhecimento no campo científico em que está.

torna um instrumento de **justiça cognitiva**<sup>22</sup>, vamos dizer assim, aproveitando esse contexto aí que é muito citado em momentos quando a gente fala sobre o acesso aberto. Essa justiça cognitiva acontece principalmente aqui no sul global. Vitor, está numa realidade europeia, não é, Vitor? Lá na Espanha vocês dialogam e a Scopus faz a popularização do conhecimento, mas nós que estamos aqui no sul global, principalmente abaixo da linha do Equador, nós temos diversas dificuldades e restrições que perpetuam muitas vezes as desigualdades, não apenas entre nós, instituições, por exemplo, nós temos instituições que estão mais do centro para o sul do país, que tem muito melhores condições de dialogar com espaços e produzir conhecimento, e nós, que muitas vezes estamos aqui entre o norte e o nordeste, ficamos mais isolados, muitas vezes mais esquecidos, mas também produzimos a nossa ciência, também produzimos conhecimento.

O acesso aberto tenta **quebrar um pouco essa perpetuidade das desigualdades entre as instituições**, a concentração nesses centros mais hegemônicos do conhecimento e permitem que as assimetrias existentes no nosso país sejam pelo menos problematizadas. E isso é um ganho muito grande que nós não podemos deixar de fora nessa semana do acesso aberto, nesse diálogo que nós fazemos aqui no acesso aberto. Pesquisadores ganham, universidades ganham e, acima de tudo, a sociedade ganha por ter direito à informação científica de qualidade e que é financiada por ela com recursos públicos. Com certeza, dentro desse aspecto ético e político, o acesso aberto traz inúmeras vantagens para nós pesquisadores, e

---

<sup>22</sup> O termo foi cunhado pelo acadêmico indiano Shiv Visvanathan no seu livro **A Carnival for Science: Essays on Science, Technology and Development**. Londres: Oxford University Press, 1997. O conceito expressa o direito de diferentes formas de conhecimento coexistirem e serem reconhecidas (e, acrescentamos, publicadas), indo além da hegemonia do saber científico ocidental.

ressalto, para nós pesquisadores, sobretudo aqui da região norte, porque podemos ter nossas produções visualizadas, discutidas, mais ainda, problematizadas.

É claro que para tudo isso acontecer, nós precisamos de pontos basilares, como uma **dimensão tecnológica e de infraestrutura**. Não dá para falar apenas que vamos fazer acesso aberto, a gente precisa de estrutura. Já que não há indústria para financiar o acesso aberto, ela é fruto da boa vontade dos pesquisadores e das equipes de voluntários. Isso depende efetivamente de nós, pesquisadores, que propagamos o acesso aberto. E, é claro, que há plataformas, Vitor até falou há pouco sobre a necessidade de preprints, com certeza é um caminho sem volta e essencial, talvez seja o nosso próximo salto, pensar nas publicações em preprint também, porque elas são caminhos, principalmente essas plataformas, de permitir a pesquisadores deixar a sua pesquisa visível.

É claro que nós temos iniciativas latino-americanas, sensacionais que estão nesse sul global, como Scielo<sup>23</sup>, Redalyc<sup>24</sup> e a própria existência do Diretório Internacional de Periódicos de Acesso Aberto, a DOAJ<sup>25</sup>, que são espaços privilegiados que tentam reforçar o acesso aberto e restrito. Eles são cruciais nisso que a gente pode chamar de um

---

<sup>23</sup> SciELO (Scientific Electronic Library Online / Biblioteca Científica Digital Online) é um programa de apoio à infraestrutura de comunicação de pesquisas em acesso aberto. Foi criado em 1997 e lançado em março de 1998. Está disponível em diversos países do Sul Global. Acesse em: <https://old.scielo.org/>.

<sup>24</sup> Rede de revistas científicas e um sistema de indexação que reúne publicações da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal. O objetivo é promover a ciência aberta, dando visibilidade e facilitando o acesso gratuito a artigos científicos de alta qualidade. Acesse em: <https://www.redalyc.org/>.

<sup>25</sup> DOAJ é um índice exclusivo e abrangente de diversos periódicos de acesso aberto do mundo todo. DOAJ pode ser acessado em: <https://doaj.org/>.

**ecossistema de publicações** não comerciais e que trazem, dentro dessa discussão, também a questão da alta qualidade.

Infelizmente, o discurso que muitas vezes as pessoas fazem e acham que é automático, falam assim, é pago, tem qualidade, é gratuito, não tem qualidade. Não, o discurso não é por esse caminho. Nós temos que entender que tanto revistas comercialmente, dentro do bloco fechado, quanto revistas de acesso aberto, têm padrões de qualidade. São padrões altos para a ciência mundial e são valorizados por todos os pesquisadores. Então, há qualidade nos dois campos.

Infelizmente, nós aproveitamos um discurso que socialmente é praticado de achar que o que é pago é melhor, quando, na verdade, isso nem sempre se configura. Então, é importante entender que há necessidade para o acesso aberto de um ecossistema que possa dar estrutura, há **necessidade também de um escopo jurídico**, para isso há licenças que são necessárias, para que haja um resguardo dos direitos autorais, dessas publicações, desses materiais publicados. Para isso, a temos a **Creative Commons**<sup>26</sup>, que pode ser um caminho legal também, se a própria universidade não tiver as suas próprias licenças. De qualquer forma, é importante entender, acesso aberto não quer dizer menor qualidade. Acesso aberto não quer dizer... perda dos direitos e da segurança daquilo que é publicado.

De fato, os conteúdos científicos continuam sendo protegidos, eles continuam fomentando inovação e ciência, só que uma ciência diferente, uma ciência colaborativa, uma ciência que pode integrar a

---

<sup>26</sup> Organização sem fins lucrativos que oferece licenças de direitos autorais gratuitas e padronizadas para que criadores permitam que outros usem seus trabalhos sob certas condições. Acesse em: <https://creativecommons.org/>.

América Latina, que pode integrar o **Sul Global**<sup>27</sup> como um espaço de diálogo permanente.

Eu estou falando tudo isso para dizer para vocês o que eu acho mais importante. Há desafios que precisam ser vencidos no campo do acesso aberto. Primeiro, nós temos que pensar em modelos que sejam **socialmente e economicamente sustentáveis** para o acesso aberto. É claro que, anteriormente, o modelo de revistas mantidas por assinaturas pagas era um modelo muito cômodo. Você vendia, você recebia e isso se mantinha.

Só que nesse outro modelo sustentável do acesso aberto, não há trocas. Pode até acontecer de ter Taxa de Processamento de Artigo para publicação, as famosas **APCs**<sup>28</sup>, que não são muito comuns, acontecem em algumas revistas de acesso aberto, mas não são o caminho viável para a manutenção, na opinião desse humilde pesquisador que vos fala. Porque elas também reproduzem desigualdades, elas penalizam instituições, penalizam autores que não têm recursos financeiros para participar, por exemplo, de publicações.

Segundo elemento que é importante, segundo desafio que eu vejo como essencial a gente trazer para essa discussão, a própria **avaliação científica**. Nós temos uma avaliação científica que é

---

<sup>27</sup> Entendemos aqui o Sul Global como conceito político e geopolítico que se refere a um grupo de países, principalmente da África, Ásia e América Latina, que enfrentam desafios socioeconômicos comuns, como desigualdades e menor desenvolvimento. E claro, com impactos no fazer científico e no reconhecimento daquilo que é disponibilizado.

<sup>28</sup> APCs são taxas cobradas por algumas editoras para cobrir os custos de publicação de artigos em acesso aberto. Essas taxas substituem as taxas de assinatura e permitem que o artigo seja disponibilizado para leitura e download gratuitos na internet, com os custos transferidos do leitor para o autor.

extremamente conservadora, a **avaliação por pares**<sup>29</sup>, e que muitas vezes não valorizam uma ciência que pode ser produzida de uma forma mais cidadã, de uma forma mais colaborativa, que pode ser produzida a muitas mãos. Então, isso também nós temos que discutir. Não há resposta fechada agora não, tá?

É importante nós entendermos que cada dia a mais nós temos menos pessoas dispostas a avaliar os artigos. O Vitor deve estar passando por isso também. Às vezes você tem que convidar dois, três, quatro, é o que está aí no dia a dia acontecendo na revista observatório com a gente. Às vezes ele (Lauro) fica desesperado porque a gente fica fazendo malabarismo atrás de avaliadores. Então, esse modelo de avaliação conservadora, de dois ou três avaliadores, é um modelo que não se sustenta mais, nesse mundo da velocidade.

Talvez os preprints sejam a saída em que você transfere a avaliação, não para um, dois ou três avaliadores, mas para um contexto muito mais amplo, de uma avaliação livre. Quiçá, talvez, seja um caminho. Não dá para nós termos isso aí ainda como uma certeza.

E, terceiro elemento, que é um desafio também que precisa ser combatido, a **questão da desinformação e da qualidade científica**<sup>30</sup>. Nós temos um crescimento... Do mesmo lado que eu tenho um conglomerado, uma indústria dos artigos científicos em grandes empresas que detêm o poder da publicação, de um lado, que são as revistas chamadas Top, que estão no alto dessa cadeia, nesse

---

<sup>29</sup> Processo onde especialistas avaliam trabalhos e pesquisas enviadas para publicação, para garantir qualidade, originalidade e relevância.

<sup>30</sup> Sobre essas questões, sugerimos a leitura da série **Ensino, Comunicação e Desinformação**, composta até 2025, de 06 coletâneas que trazem pesquisas atuais e direcionadas as múltiplas situações atuais. Disponível em: <https://www.observatorioedicoes.com.br/>.

ecossistema, o acesso aberto vai ficar no meio, e abaixo nós temos os chamados **periódicos predatórios**<sup>31</sup>, que foram assim apelidados, mas que... Se dizem científicos também, podem ser científicos, mas as suas práticas editoriais de aligeiramento, de não responsabilização do processo e de não cuidado em etapas do processo editorial basilares podem levá-los a serem classificados como predatórios. Eles precisam ter governança, eles precisam ter certificação e, é claro, que eles precisam ter também um controle público, um acompanhamento para valorizar aquilo que é produzido. Nós estamos falando de ciência, da produção do conhecimento.

Bem, já terminando a minha fala, que eu já falei que foi demais, mas efetivamente eu penso que são questões que eu não podia deixar de fora dessa conversa. O acesso aberto, gente, não é um modismo. Ele não é apenas um modelo de publicação, apesar de ter nele modelos, mas nós encaramos o acesso aberto como um regime, um **novo regime de produção, de circulação e de apropriação do conhecimento**. Um conhecimento que não é neutro, Não é de Sinomar, não é de Lauro, não é de Vitor, e não é de ninguém que está nos escutando. E, ao mesmo tempo, é de todos nós. É um conhecimento que é fruto justamente daquilo que a humanidade conseguiu produzir através da sua vivência, dos seus sofrimentos, das suas angústias, e que validou como científico. Daí a necessidade da transparência, da reprodutibilidade, da colaboração científica, que são os pilares do que a gente chama de uma ciência aberta.

---

<sup>31</sup> São periódicos que publicam artigos sem um rigoroso processo de revisão por pares e sem qualidade editorial, priorizando o lucro por meio da cobrança de taxas de publicação. Elas se aproveitam do modelo de acesso aberto para atrair pesquisadores, usando táticas como spam e informações falsas sobre o processo editorial e impacto científico.

E, para isso, nós precisamos repensar, repensar modelos, repensar práticas, redefinir, inclusive, o que é autoria, porque também são questões que surgiram lá no século XIX, que foram revistas no início do século XX, agora que precisam novamente ser problematizadas. Tudo isso em prol de uma única coisa, de um interesse público, de um compromisso e, é claro, de uma qualidade. Bem, eu espero ter colaborado aí para o início da nossa conversa também.

**Sinomar Soares:** Obrigado, professor Gilson, por esse contexto histórico, econômico. Vou passar agora a palavra para o professor Lauro.

**Lauro Martins:** Olá a todos, uma boa tarde. Boa tarde, professor Victor, boa tarde, professor Gilson. Depois de tão completas observações, fica difícil agora trazer algo novo. Mas tem uma coisa, que eu sempre que atendemos a esta discussão, eu... tento resgatar algo um pouco mais filosófico que nós precisamos entender.

E aí tem uma expressão que eu gosto muito dela, que ao que parece é verdadeira, é atribuída a Isaac Newton, que ele dizia que se "via mais longe foi por estar sob os ombros de gigantes"<sup>32</sup>. E aí está. Eu parto do seguinte princípio. Nenhum conhecimento começou comigo. Tudo que eu sei, a minha contribuição, a contribuição do cientista, seja ele qual for, em particular, é sempre relativamente pequena, por maior que seja a contribuição. Por quê? Tudo aquilo em que nós sabemos, o que qualquer ser humano saiba, ele não partiu do zero.

O conhecimento, ele é, em si, sempre universal. Ele é sempre universal e sempre veio antes de cada um de nós. Então, o acesso aberto nada mais é do que dar esta autenticidade ao conhecimento

---

<sup>32</sup> Embora popularizada por Isaac Newton, a metáfora foi originalmente atribuída ao filósofo do século XII, Bernard de Chartres.



e que, de fato, ele já é universal. Até podemos atribuir **autoria**<sup>33</sup> de algo aqui, algo ali, mas é sempre uma autoria extremamente pequena. Por quê? Por mais que haja autoria em uma obra, por mais que haja autoria em um processo de pesquisa que se levou alguns achados, os conhecimentos que possibilitaram aqueles achados, eles não nasceram, originaram daquele pesquisador. Veja, o nosso conhecimento, digamos, começa desde a nossa formalização. Começa desde lá. Quanta gente colaborou para que eu aprendesse a ler, aprendesse a escrever, aprendesse a interpretar e aprendesse tudo aquilo que possibilitou estar aqui hoje ou estar qualquer um de nós diante de um processo ou de um projeto de pesquisa.

Então, o conhecimento é, em si, universal. E ele é também sem autoria. Ok, podemos criticar a autoria, essa afirmação, dizer que isso é jogar os esforços de cada um fora, etc. Acontece que, se nós usamos dos conhecimentos das pessoas que vieram antes de nós, então, por mais que eu tenha alguma autoria... a minha contribuição é sempre bem menor do que aquela que parece ter. Por quê?

Se não fosse todas as contribuições, eu não estou falando apenas das citações, apenas das referências, apenas da fundamentação teórica, se for o caso. Não, não. Eu estou falando daqueles que eu sequer citei no meu trabalho. Porque se eu for citar todos que contribuíram, a grande parte eu nem conheci. A maioria das pessoas que contribuíram para que eu estivesse hoje, nesta conversa, nem sabem sequer que eu existo. Então, a contribuição de todos nós, é uma contribuição sempre para a humanidade e, da humanidade para cada um de nós.

---

<sup>33</sup> Uma excelente obra que problematiza as questões e dificuldades de autoria foram postas por Roger Chartier em **A ordem dos Livros**, EdUnB, 2017.

Bem... Em um mundo capitalista, em que tudo se tem um valor, se quer vender de alguma maneira, podemos dizer, sim, ok, precisamos de algum dinheiro para viver, então, por que não vender também, não só as tecnologias, ou ainda os produtos dos nossos conhecimentos, mas vender o próprio conhecimento? O que faz o professor? O professor, ele vende não apenas o conhecimento, é claro, o seu trabalho, mas também parte do seu conhecimento, quando ele está na distribuição, por meio das suas aulas, da sua produção. Eu, até hoje, tudo que eu produzi, eu publiquei em acesso aberto.

E aí, uma coisa, para mim, bastante satisfatória, que o último livro que publicamos, e aí na... Editora **Observatório Edições**, acesso aberto desde o primeiro momento, teve mais de setecentos acessos no primeiro mês. E o curioso ainda mais é que mais de quinhentos acessos foram originados dos Estados Unidos. Então, por mais que eu tivesse publicado na melhor editora brasileira, em trinta dias, jamais teria chegado a mais de quinhentas pessoas nos Estados Unidos a minha publicação.

Então, veja, eu acredito muito mais na divulgação do conhecimento por meio do acesso aberto. Nós podemos olhar, podemos fazer todas as críticas que quisermos, se o conhecimento é universal ou não, podemos, sobretudo podemos criticar, sobretudo, sobretudo podemos questionar. Agora, o acesso ao conhecimento público, ao conhecimento de cada um de nós, a internet hoje entrega na mão de cada pessoa esse conhecimento. Claro, algumas comunidades ainda têm acesso limitado à internet, algumas pessoas têm dificuldades, ou ainda as universidades públicas têm dificuldade em dar acesso até mesmo aos seus alunos, embora, no caso nosso, temos o portal de periódicos da Capes, que gasta aí, eu tentei descobrir qual foi o gasto do ano passado com o portal de periódicos Capes, mas é da ordem dos seus milhões por ano, com o

**Portal de Periódicos da Capes**<sup>34</sup>, e ali tem dezenas de periódicos pagos, artigos que os pós-graduandos gastariam centenas de dólares para ter acesso, por meio do portal de periódicos, ele tem acesso gratuito, e, por incrível que pareça, as pessoas nem sempre entendem que grande parte daquele acesso àqueles periódicos seriam, sim, pagos.

Então, parece que o fato de ser gratuito por meio do acesso do portal de periódico CAPES também seja de nível inferior. Na verdade, o que eu entendo que o pagamento pela publicação ele é, a priori, algo, para aqueles que não sabem estar nos ouvindo nesta live, as nossas publicações, muitas vezes, se você quer publicar em uma revista dessa, você é o autor, trabalhou, o quanto você trabalhou, às vezes, meses, anos, para chegar àquelas conclusões, paga para publicar e não tem, além da possibilidade de ser citado, você não tem nenhum retorno por aquele seu trabalho publicado em grande parte dessas grandes revistas.

Então, além de você dar o seu tempo de vida, o seu conhecimento para produzir o conhecimento, você ainda paga para publicar, e não tem acesso aos lucros. Isto, ao meu ver, é uma questão ética. Poderíamos dizer que isto é um comportamento antiético. No sistema capitalista parece que isto é normal, foi normalizado, e nós, professores, pesquisadores, parece que é normal pagar para publicar. Eu não acho normal, eu não acho isso adequado, eu acho que isso, sim, é uma forma de apropriação indébita do conhecimento produzido pela humanidade.

---

<sup>34</sup> O valor investido no **Portal de Periódicos da Capes** em 2024 foi de R\$ 462.148.123,00; em 2023, de R\$ 546.300.000,00; em 2022 de R\$ 496.266.805,00; e em 2021 de R\$ 490.309.484,00. Fonte: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/orcamento-evolucao-em-reais>.

Volto ao começo do que eu dizia. A priori, todo conhecimento é conhecimento universal. Então, se todo conhecimento é um conhecimento universal.. O acesso a esse conhecimento, a priori, também deveria ser universal. Ou universalizado. Para que todos pudessem ter acesso, para que quem possa apropriar e entender melhor o que está sendo dito, seja ele quem for, não importa o que vai fazer, o que importa é o seguinte, eu, para que eu pudesse... ter a minha formação, eu dependi do conhecimento em que tantos outros produziram.

Então, nada mais justo também que disponibilizar por meio do acesso aberto. Na Revista Observatório, nós recebemos dezenas de artigos para que a gente possa avaliar, e um dos desafios em que enfrento no dia a dia, como o Gilson já adiantou, é exatamente conseguir a colaboração dos colegas para avaliação. Essa forma tradicional de avaliação por pares, ela é a primeira etapa que os periódicos considerados predatórios desaparecem. Você entra nas revistas, conhece algumas como é que funcionam, e apenas a pessoa que recebe lá, o editor que recebe, em minutos depois ele já dá o aceite, você paga lá o que for necessário, ainda que depois seja lá o acesso livre, mas você paga lá.

Bem, por um lado, resolve um problema, que é a responsabilidade daquelas pessoas, de todos aqueles que se inscrevem nas revistas abertas, que vão publicar com acesso gratuito, e eles mesmos, em geral, eles se inscrevem na revista, quando vão entregar um artigo para avaliação, E eles se prontificam como avaliador. E quando nós solicitamos a esses colegas que façam a avaliação de um artigo ou outro, não temos o retorno. Não temos retorno. É muito comum eu mandar para cinco pessoas. Em geral, já mando para três pessoas. E quando venceu desses, eu mando para mais dois para ver se consigo pelo menos duas avaliações compatíveis para que a gente possa seguir o processo. E mesmo assim é muito complicado.

Então veja, a nossa responsabilidade enquanto autores... nas revistas abertas, de acesso aberto, de acesso livre, que, olha, nós não ganhamos um centavo para a publicação dos artigos. E nós trabalhamos e muito com este material. E a nossa expectativa era que esses autores, agora sim avaliadores, também aceitassem nos oferecer essa contrapartida da avaliação. E bem lembrou aí o Gilson, estou vendo aqui no chat, bem lembrou o Gilson, o DOI, que todos os autores recebem nos seus artigos, eles não são pagos, desculpe, ao inverso, eles são pagos, eles não são gratuitos. E nós temos que, e em geral, né, Gilson? É o Gilson que se vira com isso para cobrir esse custo, e os autores nem ficam sabendo de que fonte saiu essa. Então, o mínimo que nós, autores, que, de alguma maneira, entendemos que publicar nossa pesquisa é interessante, e que grande parte não teria o recurso para publicar em revistas pagas, o mínimo que nós esperamos é essa colaboração com a avaliação quando solicitado a essas pessoas. Bom, eu vou parar por aqui também e ficamos aí à disposição dos nossos colegas para que a gente possa continuar essa conversa.

**Sinomar Soares:** Obrigado, professor Lauro. Enquanto o pessoal vai colocando as perguntas no chat, eu vou fazer duas perguntas para vocês, uma pergunta mais técnica, mais conceitual e uma mais humana. Porque esse título<sup>35</sup> que colocaram aí na frente do meu nome, ele tem poucos meses. Então, há poucos meses eu era, como a maioria das pessoas no chat aí, eu era um aluno também.

E essa pergunta mais humana é, eu aluno, principalmente do mestrado, a gente tem muitos mestrados aqui, o que eu tenho a ver com isso? Como é que eu faço? Eu estou muito preocupado em produzir um artigo, muito preocupado em escrever, em ler. Quando

---

<sup>35</sup> Sinomar se refere ao título de Doutorado que defendeu em 2025.

esse artigo está pronto? Porque no Brasil a gente não tem muito essa realidade de pagar ainda, mas como o Gabriel colocou no chat aí, está começando, mas nós não temos. A maioria das revistas são ancoradas pelas universidades. Então, assim, como é que eu tenho práticas de acesso aberto, eu, aluno? O que isso me impacta? Que impacto eu sei, é questão de maior acesso ao que eu produzo, mas como é que eu faço para ter práticas de acesso aberto? Quem quer começar a responder?

**Gilson Porto:** Posso começar, Sinomar? Os outros ficaram meio envergonhados, eu vou... Já que eu estou mais “sem vergonha”, eu vou lá falar. Sinomar, quando a gente fala em revista de acesso aberto, e você que está talvez ouvindo, você vai dizer assim, ah, “são poucas”. Não, nós temos milhares de revistas de acesso aberto. Na verdade, nós temos bem poucas revistas pagas e que são consideradas a nata do conhecimento científico. E se copiou o modelo dizendo que elas são as melhores. Então, vocês vão encontrar em DOAJ, por exemplo, um quantitativo imenso de revistas no diretório de jornais e revistas de acesso aberto. Só em DOAJ tem mais de vinte e dois mil periódicos online. E desses vinte e dois mil, treze mil não cobram absolutamente nada. Nenhuma taxa sequer de acesso aberto.

No Brasil, nós vamos ter milhares de periódicos que são mantidos por universidades, centros de pesquisa, grupos, associações de representação, que também não cobram. Então, na verdade, do ponto de vista de publicação, a gente tem que dizer o seguinte, bem, onde é que eu não publicaria? Porque dá para publicar em muitos lugares. Porque a publicação representa a consolidação de um trabalho do cientista, daquele que está criando a ciência. Então, a nossa preocupação não deveria ser a dificuldade em publicar, mas sim a dificuldade de escolher onde é que eu quero publicar. Porque, efetivamente, ela vai comunicar para públicos diferentes. Eu vou

querer dialogar com quem? Com essa minha pesquisa. A princípio. O que você acha, Lauro, do que eu falei agora? Você está aí balançando a cabeça também, entra na conversa.

**Lauro Martins:** Pois é. É exatamente isso. Nós temos milhares de revistas disponíveis. Há um problema, em que é o tempo para a publicação. Nós conseguimos adiantar muito nesse trabalho, principalmente agora na Revista Observatório, que estamos com o fluxo contínuo sempre a nossa dificuldade é com o tempo que os avaliadores gastam para indicar se o trabalho dá para ser publicado ou não. Em geral, é isso que mais demora.

Mas nós temos situações em que... Eu tive situação, por exemplo, em revistas que levaram dois anos para ter a resposta. Então, claro, que quando nós vamos procurar uma revista para publicar, escolhendo uma revista de acesso aberto, na área que queremos publicar, olhamos também como é que está o fluxo de publicação dessa revista, para saber se não vou ficar com o artigo lá parado por vários meses. Em geral, a exigência de que não se submeta a mais de uma revista por vez, e com isso a gente fica com o artigo parado. Olha, não faltam opções, não. Opções nós temos.

Precisamos de comprometimento dos avaliadores, dos autores, que submetem o artigo, são publicados e depois não têm o mesmo compromisso em continuar como avaliador da revista. Mas isso já é uma prática e vamos continuar lidando com ela e pronto. Agora, a maior parte dos nossos alunos, principalmente os mestrandos, têm acesso, e hoje, com a internet e com aí um... portal acadêmico do Google, que dá acesso a muita coisa boa, e também o portal de periódico Capes, que dá acesso a muito material, inclusive, já disse anteriormente, pago. Olha, hoje a diferença nos últimos vinte anos, ou melhor, depois que a internet se tornou popular, olha, a diferença

é muito grande do acesso aos conteúdos para a produção do conhecimento para nossos estudos nas últimas décadas.

**Sinomar Soares:** Pode falar, professor Vitor, por favor.

**Victor Amar:** Bom, eu estive escutando as palavras do professor Gilson, do professor Lauro, também sua, né? Sinomar. E eu estava pensando, no meu fórum interno, que eu acho que estamos esquecendo uma questão. O turbocapitalismo também chegou ao mundo do acesso aberto.

Quem de nós, por exemplo, publicaria uma revista que não esteja bem no quartil alto, top? De repente, nossa própria universidade, nossos próprios colegas, achariam que você está mexendo com revistas de meio nível, né? e você precisa de publicar em top, para conseguir ser um professor reconhecido, para que seu departamento tire, pelo menos na Espanha, tire horas de docência, por exemplo, se você tem quatro revistas top, você tem, por exemplo, menos crédito que quem partilha nas aulas.

Se você tem um monte de revista top, você cresce no Google, no Google Escolar, por exemplo, na visão da sua universidade. Aí eu acho que a gente está falando de, como se chama, de utopia. Eu acho que estamos na frente de uma quimera. E quantos estudantes, por exemplo, poderiam publicar em uma revista top? Imediatamente fica avaliado, a gente fala, ou você tem aqui um repositório da sua universidade, você tem o seu cantinho ali. Então, eu acho que... o tudo capitalismo também chegou. E as grandes revistas cobram ou não cobram, mas eles têm também seu mecanismo para tirar dinheiro. Eles falam, você tem que traduzir seu artigo conosco, conosco ou com as pessoas que nós temos avaliado. Grandes tradutores, blá, blá, blá.



Outra coisa. Por exemplo, tem grandes... editoriais internacionais, ele é pago mas você pode conseguir esse artigo de graça por exemplo tem base de dados que aparecem por exemplo, tem bibliotecas que tem conveniadas ele tira xerocópia, tira pdf e você consegue o artigo. Acho que tem tudo aí na questão, movimento, linda, que faz com que a gente esteja vivo ainda. Mas, no fundo, acho que tudo é um pouco de mentira. A gente tem que tirar a mentira para ficar com essa pouca de verdade. É pouco mesmo, mas tem verdade ainda.

Acho que as pessoas que querem pesquisar partem do handicap, que é que não vão ser aceitos em qualquer revista. Se você não tem um nome, se você não tem, sei lá, de repente, um top, né? Você não vai entrar nessa revista. Estou convencido. Você pode entrar em outra, de repente, né? Mas nessa que você quer publicar, porque é uma revista que vai dar por ser prestígio, você não vai conseguir. Quase convencido, viu? E, de repente, quantas vezes a pessoa fala, oh, dá um jeito para esse cara entrar na revista. Esse artigo tem que entrar, rapaz. Quantas vezes? Aqui estamos nós falando disso, né? E quantas vezes você sabe em outra revista? Para isso aí, rapaz. Para aí. Esses caras, quem são esses caras? Sud-americanos? Latino-europeus? Também, né? Fala com isso, né? Porque estamos falando do mundo anglo-saxão, né? E ele tem sua divisa, né? Tem muita diferença, né? Latino-americano e latino-europeu, quase a mesma coisa para eles. Se não falava para o Trump, por exemplo, que é a Espanha? Não está a Espanha, falava com o presidente Pedro Sánchez.

Olha aí, gente, eu acho que temos que refletir serenamente e com a verdade. Não podemos ter um bom coração, porque ali na frente não há bom coração, há depredadores, há leões, há tigres. Há jacaré, que estão olhando. E aí pessoas que têm muito interesse. Aí pessoas que hoje olhando, que pesquisam onde você publica. E você tem que convencer essas pessoas. Eu posso publicar onde eu quiser, porque

eu sou doutor, titular, sei lá, da universidade. E eu estou agora publicando onde eu tenho vontade. Mas outras pessoas que não podem essa questão, porque estão limitados. Essa é a minha opinião, para começar, você vai ter papo, discussão entre nós.

**Gilson Porto:** Deixa-me aproveitar a dica do Vitor, porque o Vitor levantou algumas questões que eu acho que a gente precisa tocar, não dá para deixar de lado. De fato, Vitor, a gente tem a dificuldade, porque nós temos um mundo real, um mundo que sobrevive, é uma indústria, é uma indústria que tem uma economia própria, dos periódicos pagos, E que não são acessíveis para todo mundo.

Aquilo que o Vitor falou é bem real. Nós temos periódicos aí, e se você não tiver, talvez, mil e quinhentos, dois mil, três mil euros, você não consegue publicar. E é nessa questão. Ah, eu posso pedir um abatimento? Posso pedir uma bolsa? Pode. Sempre pode pedir, né? Se vai conseguir, são outros quinhentos. Isso para conseguir mandar o artigo para ser avaliado. Então, nós temos uma realidade que é uma realidade prudente mesmo, principalmente o sul global, e aí o Vitor se colocou o latino-europeu também no mesmo patamar, e nós vamos colocar os colegas de África também nesse sul global, porque todos nós estamos na mesma situação, abaixo do Equador, na exclusão do processo.

Mas, mesmo assim, ainda dá para acreditar, Vitor, ainda dá para a gente ter fé não apenas baseado numa intencionalidade, mas sim numa possível possibilidade, numa certeza de que é possível a gente sonhar e transformar em realidade de acesso com qualidade. Eu estou falando isso porque nós começamos o Observatório em 2015, ela começou como uma experiência, e eu lembro quando eu te convidei para ser avaliador no Observatório, que você não aceitou de saída. Lembra que você me falou? Disse assim, "eu quero conhecer você, eu quero olhar no seu olho". Então, quando eu estive

aí na Espanha e te conheci, é que você efetivamente passou a ser avaliador no observatório também. Então, tem toda uma relação que é construída. E eu acho que a gente precisa entender isso.

O aluno que está nos ouvindo, e a pergunta do Sinomar é muito importante por isso. Você pode ter a liberdade de enviar o artigo. Enviar é uma coisa, ser publicado é outra. E dependendo de como você envia, talvez nem visualização ela lhe vai gerar, né? Porque existe uma coisa exigida na maioria das revistas, o Sinomar falou há pouco que conquistou o doutorado dele, né? E o Sinomar deve lembrar que muitas vezes o que ele publicava, o que ele mandava para publicar como mestre não era validado, né, Sinomar? Precisava ter um orientador, um professor doutor, para abrir a porta e dizer isso é válido, e publica junto com a autoria, porque é como se fosse uma iniciação.

Na realidade, o nosso mundo, sabe, Vitor, lá, os colegas que estão nos ouvindo, ele é um mundo muito esquisito, muito estranho. É um mundo que a gente fala sobre inclusão, direitos humanos, humanidade, mas nós somos extremamente excludentes e a prática científica não é diferente. A prática de divulgação científica é extremamente excludente. Nós temos milhares de boas ações, de boas práticas sendo executadas e nós normalmente elegemos uma como se fosse a melhor de todas. E não valorizamos todas as demais que também são extremamente boas e extremamente inclusivas.

Então, assim, É um mundo ingrato. É como o Vitor colocou, é um mundo de jacarés, é um mundo de crocodilos, de leões. Na maioria, eu costumo dizer que é o mundo mais de hienas, sabe, Vitor? Porque eles sorriem, mas por trás também querem a tua morte, né? Você pode ser abocanhado também nesse processo. Sinomar.

**Sinomar Soares:** Eu tenho outra pergunta. Pode falar, Lauro, pode falar. Você está mutado. Aí, ok, agora.

**Lauro Martins:** Olha, eu quero chamar a atenção dos nossos ouvintes para uma coisa. É muito comum nós partirmos do princípio de que a revista que cobra pela publicação é uma revista já em tese duvidosa aqui no Brasil. Será?

Bom... Eu recebo, e eu creio que é a realidade nossa, eu recebo com muita frequência convites de publicação de revistas. Tem uma da Bélgica, por exemplo, que faz a melhor propaganda que você pode imaginar do serviço deles. Uma revista que faz uma propaganda enorme e mostra lá os índices deles, são excelentes. Quanto custa publicar lá? Cinco mil libras para publicar naquela revista. E eu já respondi, aquilo está fora da nossa realidade, eles já prometeram em parcelamento, etc e tal. Ou seja, será que é porque essas revistas cobram aí quinhentos, seiscentos, oitocentos mil reais para publicar um artigo e nós consideramos, alguns consideram que isso é muito barato e por isso é predatório? E aquela que cobra cinco mil dólares é uma grande revista porque cobra muito caro? Vamos pensar um pouco?

**Sinomar Soares:** Eu quero agora fazer uma pergunta mais técnica, mais conceitual, e eu queria que o professor Victor iniciasse respondendo, porque tem mais a ver com a apresentação dele. Nós temos, e é importante a gente ter os alunos aqui, nós temos dois conceitos muito importantes, que é o conceito de acesso aberto e de ciência aberta. São duas coisas diferentes, né? E eu queria que o professor Vitor e depois o professor Lauro e o professor Gilson falassem sobre a diferença desses conceitos para que a gente possa não confundir o que é ciência aberta, que tem a ver com um processo de pesquisa aberto, e acesso aberto, que é a disponibilização daquilo que a gente pesquisou.

**Victor Amar:** É difícil, né? É difícil a resposta. Não tenho uma sua resposta, né? Mas seria a minha resposta, tá? Acho que a ciência é a produção, não é verdade? Você tem um desenho de pesquisa, né? Você faz uma pesquisa. Eu, por exemplo, trabalho fundamentalmente em etnografia, né? Em narrativa, né? Mas outras pessoas trabalham em estudo de casos, entendeu? Cada uma pesquisa, né? Esse é o conceito de ciência, né?

Outro conceito é de como você visualizar, compartilhar essa ciência, essa pesquisa. Aí você tem diferentes veículos para fazer. Tem a publicação do livro, revistas e também os repositórios. Você tem repositório ali também, né? Tem também, né? Aqui, por exemplo, o conhecimento está hierarquizado. Por exemplo, alunos de graduação e alunos de pós-graduação vão para repositório. Só aqueles que tenham uma qualificação quase dez. Quase dez. Entendeu? Aí você passa diretamente ao repositório para que outros colegas seus estudos possam olhar, sei lá, mas se você é professor, você não vai ao repositório. Você vai à revista. Aí você tem que procurar a revista.

Seu conhecimento parece que já tem dois níveis. E é conhecimento mesmo, porque cada um está validado epistemologicamente. Um para ser aluno e outro para ser professor. São duas coisas diferentes. E parece que tudo entra na mesma sacola. Tudo vai na mesma sacola. Feijão e grão-de-bico. Não, rapaz. São duas coisas bem diferentes. Feijão por um lado, grão-de-bico por outro. Eu acho que o conhecimento é isso. E a ciência é a possibilidade de você produzir um conhecimento dentro de todo nível. E aí, por exemplo, quando chegam artigos de pessoas de outras partes do mundo, na nossa revista, quando chegam artigos de pessoas que não são doutores, como no caso de Sinomar falava que faz tempo que você conseguiu o grau de doutor, né? você parece que entra na coisa nossa. Como falavam os italianos, na "cosa nostra". Aquele gueto intelectual, aí

você é um dono nosso. Aí você tem a porta aberta. Mas não o conhecimento, não a produção científica aberta. Você tem que demonstrar. Você está me entendendo? São como o degrau, que você tem que ir subindo pouco a pouco.

Outra coisa, “diga-me de quem você é colega” e eu “te direi onde você publica”. Pronto. A ciência acabou. Aí entrou a parte da “cosa nostra”. Entrou aquela questão meio mafiosa. Não todos os casos. Seria injusto falar que todos os casos. Não é sempre. E a pessoa, eticamente, que para com isso. Fala, pô, não entro aí. Não passo por aí. Ah, você tem que parar isso porque te ligou o colega. Seu colega ligou. E eu falo, pô, se você é meu colega, não me faça isso. Porque não entra por aqui. Esse artigo é bom. E aí entra a parte científica. Valeu?

**Gilson Porto:** Pode entrar na jogada aí, na conversa? E aí eu vou falar até com o Vitor. Diga de quem é teu colega que tu sabe onde publica, mas onde é citado também, né, Vitor? Sem dúvida. Basicamente, você vai descobrir que é citado.

**Victor Amar:** E escuta, Gilson, desculpa. Então, até que eu diria quantas vezes você é citado. Porque você precisa de tantas citas para subir o degrau.

**Gilson Porto:** Sim, sim. Efetivamente. Quantas vezes? Se você fizer aquele grafo mostrando as conexões, a gente vai descobrir que nos principais nós, estão amigos... orientandos e orientadores, que está todo mundo ligado por algum tipo de atenção e cuidado que não é apenas o científico, né? Olha aí, você está falando de amigos. E você tem inimigos também. Olha aí também, você tem inimigos dentro disso aqui. Você não vai publicar jamais nessa revista. Aí pula para outro lugar, né? Aí pula para outro lugar, né? É, basicamente.

Deixa-me aproveitar a pergunta do Sinomar, porque eu a achei muito interessante. Ele falou sobre ciência aberta, **open science**<sup>36</sup> e acesso aberto. Quando a gente fala do que é chamado de open science, a gente está falando de um modelo que é um modelo de produção e disseminação desse conhecimento científico, que ele tem várias ramificações. O acesso aberto é uma forma de divulgação e de publicização, mas eu tenho também a questão do chamado **open data**<sup>37</sup>, que são os dados abertos, que também é uma forma de ciência aberta, em que eu posso disponibilizar os dados para pesquisas não apenas primárias, mas secundárias, terciárias, ou eu posso gerar multiplicação de conhecimento a partir dos dados abertos.

Eu tenho uma política de **software aberto**<sup>38</sup>, se não me engano, que é uma forma de ciência aberta também, que você compartilha códigos, ferramentas de pesquisa e cria toda uma comunidade em prol de criar uma ciência que seja colaborativa.

**Sinomar Soares:** Na verdade, esses softwares sustentam o acesso aberto.

**Gilson Porto:** Sim, basicamente, o OJS que o Vitor citou e vários outros que mantêm, por exemplo, os repositórios, são de acesso aberto. São nessa noção do software livre e efetivamente colaborativo e democrático. Mas, dentro disso também, a gente vai ter publicações de acesso aberto, que são muitas vezes chamadas de livros abertos também, que são produzidos por grupos. Como que a

---

<sup>36</sup> Movimento global que defende a transparência e o compartilhamento do conhecimento científico, tornando-o mais acessível a todos.

<sup>37</sup> Informações públicas que podem ser livremente acessadas, usadas e redistribuídas por qualquer pessoa, desde que sejam respeitadas as condições mínimas da licença, como a atribuição da autoria.

<sup>38</sup> Software cujo código-fonte é público e pode ser usado, estudado, modificado e redistribuído livremente por qualquer pessoa.

gente faz uma página? A gente tem um selo para livros abertos, que nós acreditamos nesse conhecimento. Outras universidades também têm seus selos abertos. De qualquer maneira, tudo isso está dentro daquela noção que a gente falou no início do engajamento público e cidadão, de uma ciência cidadã, que efetivamente envolve a comunidade, envolve as pessoas e cria uma democratização. Aquilo que o Vitor falou, não é a “democratização dos amigos”, né, Vitor? É a democratização do conhecimento científico e efetivamente daquilo que a humanidade tem de melhor, que é a geração desse conhecimento científico.

**Sinomar Soares:** Vou passar a palavra para o professor Lauro para ele falar para a gente sobre essa importância da diferenciação desses conceitos, para a gente não confundir a produção com o acesso.

**Lauro Martins:** É isso. Olha, a produção científica, nós olhamos às vezes a produção científica com certos cuidados, às vezes até exagerados, mas necessários. Afinal de contas, se nós olhamos como se tudo fosse ciência, qualquer coisa fosse ciência, a ciência deixaria de existir enquanto ciência. Afinal de contas, nós precisamos também de certos critérios para isso. Agora, a produção científica, ela não depende dos canais de publicação. Claro, nós precisamos sim... Nós precisamos... precisamos tomar certos cuidados na hora da publicação, até porque, às vezes, nós caímos nos grupos dos amigos, e os grupos dos amigos, o acesso aberto torna-se acesso fechado. Isso não é novidade para nós.

Então, ter acesso, dar acesso ao conhecimento produzido, essa é a parte final do nosso trabalho. É quando o conhecimento já foi, por parte do pesquisador, ele está já de alguma forma elaborado, ainda que seja parcialmente, mas ele já está de alguma forma em condições de ser publicado. Enquanto o processo de produção científica, é o processo mais dolorido, é o processo mais solitário em



que os grupos, aí pode ser um processo de produção apenas pedagógico. Eu costumo dizer aos nossos orientandos do mestrado, de que o que mais interessa no mestrado é o processo e não o produto.

Então, é nessa hora que essas pessoas estão dando os primeiros passos na produção do conhecimento científico, e aí o trabalho, em geral, ele é aberto. Há situações em que se produz, às vezes, a possibilidade de uma patente ou coisa assim, e sim, vai ser fechado, porque o produto gerado ali naquele trabalho, ele pode depois tornar-se um produto a ser vendido no mercado. Isso não é novidade, isso também não tem grande problema. Agora, o que nós mais defendemos, o que eu, em particular, mais defendo, com os meus orientando, é de que, na hora de publicar, vamos ver quem pode oferecer maior acesso, ou seja, essas revistas estão com um bom volume de acesso, porque a gente quer que o trabalho da gente seja visualizado.

Por outro lado... nessa revista, olhamos lá nas publicações, são publicações que a gente consegue observar ali que é um cruzamento de informações entre amigos? Também não dá. Então, às vezes, a revista de acesso aberto, ela é, sim, né, Vitor, um grupo de colegas que terminam cruzando informações entre si e uns, às vezes, publicam na revista dos outros e fazem até acordos em que uns citam os outros. Não é o esperado, mas isso acontece.

**Sinomar Soares:** Obrigado, professor Lauro. Eu vou ler uns comentários aqui. A gente tem alguns comentários bem interessantes.

O primeiro é do Gabriel Machado dos Santos. E aí eu acho que é uma coisa que a gente acabou de falar sobre as revistas predatórias. Ele fala que a cada vinte dias tem uma revista me convidando para

publicar. E eles pegam os títulos nos congressos. Eu acho que isso é uma realidade que acontece com os alunos e com os professores. Aconteceu comigo essa semana, e eu até acho muito engraçado, me convidando para publicar um artigo que... Na verdade, era um resumo expandido que eu apresentei em dois mil e dezoito no mestrado. Era uma coisa inicial, uma coisa que hoje eu lendo, não tem aquela maturidade que a gente vai tendo ao longo do tempo. Então, eu queria que vocês comentassem essa realidade, porque eu acho que é a realidade não só dos alunos que estão comentando aqui, mas dos professores principalmente, talvez. Eu acho que o aluno está na teia.

**Victor Amar:** Aqui na Espanha também acontece, viu? Estava falando que na Espanha também acontece esse fato, né? Esse fato, né? E quando um aluno pergunta para mim, ô Vitor, faz caso de algum caso, ligo para aqui, eu não sei fora, nem entro nesse papo, né? Porque não é bom. Não é bom, é enganoso, eu acho que às vezes é uma piada, inclusive.

Quando eu estava falando com o professor Lauro Martins, também você publica com os colegas, e de repente também você consegue que esses colegas convidem você a autor monográfico. Aí começa a expandir, né? Aquela coisa, né? E é interessante, né? Como você entra numa "burbuja", né? "Burbuja" de amizade, que vai crescendo, vai crescendo, vai crescendo. E você consegue também publicar mais no top. Entendeu? E o aluno não consegue isso. O aluno só entraria nesse convite, né? Que falou aqui o Gabriel Machado dos Santos, né? De... Sei lá do que, né? Até piada é, né? Uma revista, um caderno, qualquer coisa assim, né? E aí você fica confuso, né? Fica errado, né?

**Gilson Porto:** Aproveitando aí a dica do Gabriel, e essa é uma realidade. Aquilo que o Vitor falou, né? Que em alguns casos... aquilo que é inicial vai para o repositório, já virou campo de disputa dessas

revistas predatórias. Eles vão nos repositórios das instituições, eles pegam esses... livros de resumo e transforma um livro de resumo num guia para ele convidar exatamente o pesquisador que escreveu sobre o que. É por isso que o Sinomar recebeu, Lauro recebe, Vitor recebe, ou como o Gabriel colocou aí na citação, ele botou uma citação do Bourdieu aí, olha, "os circuitos de consagração social são tanto mais eficazes quanto maior foi a distância social do objeto consagrado"<sup>39</sup>. Porque efetivamente é essa a vida que a gente tem aí dentro do escopo científico.

Quem de nós não gosta de receber um e-mail com elogio, dizendo que seu artigo foi muito bem escrito e convidando você para publicar justamente aquilo que você acha que é legal? Mas, efetivamente, é uma estratégia de marketing. E eles utilizam essa estratégia para tentar retirar de você o que é mais difícil, que é o recurso financeiro. Quem está na universidade pública sabe como é difícil. Como o Lauro bem lembrou aí, Cinco mil libras fazem muita diferença, ou três mil euros faz muita diferença no bolso de um pesquisador que já ganha muito pouco, ou que não tem recurso sequer para comprar papel para o seu núcleo de pesquisa, não é, Vitor? ou para tocar uma pesquisa, então, com certeza, é uma coisa que a gente precisa ter cuidado.

O que nós estamos produzindo é um capital, é um **capital intelectual**<sup>40</sup>, ele tem um valor, é um valor que pode ser inestimável, ele pode virar um produto, uma patente, ou mesmo um conhecimento de uma tecnologia social essencial. E o capital quer

---

<sup>39</sup> A frase de Pierre Bourdieu quer dizer que a legitimação de um objeto, pessoa ou ideia (consagração social) se torna mais forte e eficaz quando vem de uma fonte socialmente distante ou de maior prestígio, no caso, das revistas consideradas no topo.

<sup>40</sup> Entendemos que abrange o conjunto de conhecimentos, habilidades, competências e experiências de uma organização, sendo um ativo intangível que agrega valor e confere vantagem competitiva.

utilizar isso. Ele quer transformar isso numa mais-valia. Eles não estão errados nesse sentido. Eles estão utilizando as ferramentas que eles possuem.

Agora, o que nós vamos fazer com esse conhecimento aberto, com essa ciência cidadã, com essas coisas que nós produzimos, que têm o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas que podem usufruir? Então, é uma das questões que eu acho que é bem problemática. Não há respostas fechadas. Aquilo que o Lauro falou... Como é que é, Lauro? Publicar "numa nanica mais barata ou numa que cobra mais cara", praticamente está no mesmo patamar, né? A depredação e a transformação de uma mão de obra qualificada e essencialmente mais intelectualizada em simplesmente um objeto que pode ser vendido, né? E que pior, você não vai utilizar nada disso também, não chega para você, né? São questões que eu acho que estão no meio dessa discussão.

**Sinomar Soares:** Estamos encaminhando para o final da nossa live, mas eu queria ler ainda o comentário do Jefferson, que eu acho que ele fala muito sobre o lado do aluno que a gente estava falando ainda há pouco.

Ele diz que o acesso aberto é indiscutivelmente o caminho a seguir, mas o cenário não é muito favorável. Há pesquisadores que não acreditam nesse sistema de compartilhamento. No outro comentário, ele continua. Há o desafio da escolha de uma boa revista, Há o desafio de pagar para publicar, se for o caso, e o desafio de continuar motivado nessa realidade. Eu acho que quando ele fala continuar motivado nessa realidade, é questão da demora que o próprio Lauro falou, né? Porque você vai escolher uma revista, mas você não tem a menor ideia de quando aquele seu artigo vai ter uma resposta, nem que seja uma resposta negativa, mas você fica preso

naquela ali, você não pode enviar para outra revista, e a sua produção está parada ali, né?

**Gilson Porto:** Verdade, essa é uma realidade. E aí, como editor, a gente sabe bem disso. Não é porque o editor é mau, não, tá, gente? Às vezes o pessoal fala assim, o editor parece que é mau, ele me deixa esperando. Mas não é essa a relação. Nós dependemos, é como se fosse um castelo de cartas, né, Vítor?

O editor parece estar em cima, mas na verdade não é. Ele é o início da mão de obra produtiva. A gente dá o clique que vai para um primeiro parecerista, um segundo, um terceiro, um quarto, depois vai para um editor de formato, depois volta para um revisor. Então, na verdade, é uma indústria. é muito elaborada, que sobrevive com muitos voluntários, milhares de voluntários que fazem o acesso aberto, por exemplo, funcionar. Ou então a instituição que mantém e que paga isso para existir. Seja por horas de trabalho para os seus professores, seja por reconhecimento na promoção da carreira, sejam as outras estratégias que ele cria. Mas, de qualquer maneira, tudo isso é uma grande indústria também.

**Sinomar Soares:** É... Eu vou passar a palavra agora para o professor Vítor para fazer as considerações finais, depois o professor Lauro e o professor Gilson para a gente já ir encerrando a nossa live. Professor Vítor, suas considerações finais.

**Vítor Amar:** Agora, valeu. Bom, só agradecer, agradecer a... convite, né? A honra que é estar com vocês, com o Gilson, com o Lauro, com o Simonar, né? E essas pessoas que eu tenho aqui no chat, né? Os comentários. Eu também aprendi agora, aprendi com vocês. Eu sou daquelas pessoas que acham que a universidade vem

etimologicamente de **universitas**<sup>41</sup>, ou universal. E tomar o conhecimento fosse sempre democrático e universal. E também a própria universidade. Porque agora eu acho que a universidade é uma academia. Não é universidade.

E precisamos de um conhecimento aberto, um conhecimento dinâmico e um conhecimento sem prejuízo. Um conhecimento, eu diria que... que seja fruto dos resultados da pesquisa, das vontades e das intenções dos pesquisadores. Não jerarquizar, não fechar e não limitar. Porque quanto de nós mandamos um artigo na revista Topi, e devolvem para nós você não presta mais aí fica triste e passa um tempo um tempo de... tirando as mágoas, chorando inclusive, até que se recuperar e aí vai em outra. Somos nós. Já pensou em pessoas jovens que têm vontade de começar este percurso? Temos que ser medianamente honestos com esse processo de conhecimento aberto. É minha conclusão.

**Sinomar Soares:** Obrigado, professor Vitor. Professor Lauro, suas considerações finais.

**Lauro Martins:** Ok, muito obrigado pelo convite, por estar aqui com vocês. Como bem disse já o Vitor, aprendemos sempre uns com os outros, e aí que é estar, né? Conhecimento é universal e precisa ser universalizado. A democratização do acesso ao conhecimento não é apenas na leitura dos manuais, mas ele é também no que produzimos. E aí nós precisamos defender com unhas e dentes tanto os periódicos que investem na qualidade quanto os seus defensores. porque não é uma tarefa fácil, viu?

---

<sup>41</sup> Palavra latina que significa "totalidade" ou "universalidade" e, na Idade Média, referia-se à comunidade de mestres e estudantes de uma instituição de ensino. Hoje, o termo é a base para a palavra "universidade", que se refere a uma instituição de ensino superior multidisciplinar com funções de ensino, pesquisa e extensão.

**Sinomar Soares:** Obrigado, professor Lauro. Professor Gilson, suas considerações finais?

**Gilson Porto:** Bem, eu queria agradecer, Sinomar, em nome do Opaje e da Universidade Federal também, vocês terem aceitado o convite, né? Porque todos nós aqui aceitamos um convite, nós estamos numa tarde de trabalho... de reservar uma parte dessa tarde para discutir, a você que está nos acompanhando. Então, obrigado, Vitor, pelo aceite, obrigado, Lauro, Sinomar, e obrigado pela sua atenção.

Principalmente, porque durante quase essa uma hora e meia, nós falamos sobre a possibilidade do acesso aberto ser um instrumento da justiça cognitiva, de criar espaços para nós podermos diminuir as assimetrias que estão sendo impostas por um modelo de ciência mundial, um que valoriza muito mais a produção de um norte intelectual em detrimento de um sul intelectual, que também produz bastante.

Então, é um momento importante para o sul global discutir essas questões. Para nós, latino-americanos, e aí Vitor se coloca também como um latino-europeu nessa discussão, nós não podemos apagar essa realidade. Nós também participamos num processo e numa promoção de crescimento intelectual da humanidade também. Então, é importante entender tudo isso. É necessário, é essencial nós promovermos e tentarmos demonstrar que é um direito à informação científica essencial que nós estamos debatendo aqui.

O acesso aberto, a ciência aberta e, é claro, quaisquer os outros instrumentos que sejam criados, se não há para garantir que esse ecossistema funcione, podem parecer realmente difíceis de existirem, mas eles existem porque tem pessoas que acreditam. Há núcleos, há pesquisadores, há pessoas que estão promovendo a

ciência aberta e o acesso aberto porque acreditam nessa proposta. Então, valorizemos. Se temos essas pessoas, recorramos a essas produções. Não achemos bonito e esqueçamos o que eles estão produzindo, valorizando apenas o que está em acesso fechado. Não, vamos valorizar aquilo que está em acesso aberto. Valorize o acesso diamante, aqueles que não cobram, nada pela disponibilização do conhecimento científico, porque esses estão dedicando sua vida suas intencionalidades, sua força para produzir um conhecimento que vai ser útil para todos nós. Então, era só esse lembrete aí. Obrigado demais pelo espaço para nós dialogarmos aqui.

**Sinomar Soares:** Obrigado, pessoal, obrigado, professor Gilson, professor Vitor, professor Lauro, e essa live também demonstra o compromisso do Opaje com o acesso aberto, não só nas suas práticas, mas para mostrar para as pessoas que nós estamos lutando pelo acesso aberto, e no ano que vem nós estaremos aqui de novo, na Semana Internacional de Acesso Aberto, para continuar falando do acesso aberto, das nossas lutas e das nossas vitórias. Obrigado a você que nos acompanhou até agora, e tchau!



### A

**Acesso aberto**, 7, 9–10, 15, 33, 47–49, 52, 63–65, 117, 131, 140–142, 188, 210–213, 245–248, 256–259.

**Acesso diamante**, 248–249.

**Acesso livre**, 11, 35, 40, 65, 133, 213.

**Acessibilidade científica**, 145, 211, 215.

**América Latina**, 6, 42, 132, 190, 247.

**APC (Article Processing Charges)**, 170, 217, 220.

**Autoria científica**, 60, 86–87, 154, 164.

**Avaliação por pares**, 116, 158–160, 201.

### B

**Bem público global**, 12, 48, 62.

**Budapeste, Declaração de**, 9, 39, 103.

### C

**Cadeado aberto (símbolo)**, 2.

**Capitalismo acadêmico**, 16, 42, 134.

**Ciência aberta**, 8–9, 64–66, 118, 122, 150, 198–199, 230, 246–248.

**Ciência cidadã**, 152, 215.

**Ciência como bem comum**, 62, 66, 214.

**Cidadania científica**, 144, 198.

**Colaboração científica**, 66, 114, 200–201.

**Comunicação científica**, 18, 77, 117, 189, 201.

**Conglomerados editoriais**, 13, 44–45, 128, 160.

**Conhecimento comum**, 61–63, 140, 191, 231.

**Creative Commons**, 25, 178, 207.

## D

Declaração de Berlim, 9, 39.

Declaração de Bethesda, 9, 39.

Democratização do conhecimento, 11, 65, 143, 180, 213, 244.

Desigualdades epistêmicas, 171, 212, 242.

Desinformação científica, 188, 201.

## E

Ecosistema editorial, 7, 15, 68, 102, 169, 182, 220, 230.

Economia das citações, 125, 171.

Ética científica, 19, 77, 164.

Exclusão cognitiva, 173, 190.

## F

Financiamento público da ciência, 219, 231, 233.

## G

Governança editorial, 162, 183.

## I

Inclusão científica, 19, 130, 142.

Informação científica, 11, 14, 65, 188, 212.

Internet e ciência, 13–14, 47, 50, 111.

## J

Justiça cognitiva, 66, 132, 175, 243.

## L

Licenças abertas, 25, 179, 208.

Lucro editorial, 44, 123, 127, 161.

## M

Modelos de publicação, 35, 67, 120, 145.

## N

Norte intelectual, 244, 246.

## O

Observatório Edições, 4, 17, 19, 233.

OJS (Open Journal Systems), 168, 175, 220.

Open Access, 7–9, 13, 44, 60, 64, 120, 180, 211.

Opaje, 4, 7, 19, 23, 64, 150, 230.

## P

Periódicos predatórios, 17, 188–189, 196, 229.

Pesquisa científica, 10, 58, 87, 115, 146.

Pós-graduação, 124, 132, 186.

Preprints, 187, 198.

Produção científica, 55, 84–86, 115, 149, 165.

Publicação acadêmica, 33, 65, 104, 126, 180.

## R

Repositórios científicos, 132, 168, 178.

Revisão por pares, 159–160, 198.

Revista Observatório, 8, 17, 165, 170.

## S

Scielo, 176, 191.

Software livre, 118, 149, 171.

Sul global, 132, 134, 243–245.

## T

Taxas de processamento de artigo, 170, 217, 221.

Transparência científica, 66, 113, 195.

## U

Universalidade do conhecimento, 62, 163, 240–241.

### **Francisco Gilson Rebouças Porto Júnior (Gilson Pôrto Jr.)**

Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Graduado em Jornalismo, Pedagogia, História e Letras. Realizou estudos de pós-doutoramento nas universidades de Coimbra (Portugal), Cádiz (Espanha), Brasília (UnB) e Unesp. Professor na Universidade Federal do Tocantins (UFT), no Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão, da Universidade Federal Fluminense (PGCTIn-UFF), no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde (PPGECS-UFT) e no Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMuseu-UFBA). Coordenador do Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (Opaje).

### **José Lauro Martins**

Graduação em Filosofia, mestre e doutor em Ciência da Educação. Desenvolveu os estudos de Pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn), da Universidade Federal Fluminense. É professor associado da Universidade Federal do Tocantins. Atua no curso de jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde (PPGECS/UFT). É membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão "Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino" (Opaje). É pesquisador em Inovação pedagógica e gestão da aprendizagem.

### **Sinomar Soares de Carvalho Silva**

Doutor em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn) na Universidade Federal Fluminense. Possui mestrado em Comunicação

e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins, Especialização em Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas contemporâneos (UFT) e graduação em Comunicação Social - Jornalismo também pela Universidade Federal do Tocantins (2009).

### **Victor Amar**

Doutor em educação, professor de Novas Tecnologias e Mídias na Educação na Universidade de Cádiz, Espanha. Autor de mais de dez livros sobre cinema e novas tecnologias aplicadas à Educação. Diretor do grupo de pesquisa em Educação e Comunicação, pertencente ao Plano Andaluz de Pesquisa da Junta de Andaluzia.

# CIÊNCIA E EMANCIPAÇÃO:

diálogos sobre acesso aberto  
e ecossistemas editoriais

Gilson Pôrto Jr.

Victor Amar

José Lauro Martins

Sinomar Soares de Carvalho Silva



**Observatório**  
Edições

